

Arlette Kalaigian

Onde o rio encontra o mar

19 de novembro a 17 de dezembro de 2022

curadoria Rejane Cintrão

Onde o rio encontra o mar é o título que **Arlette Kalaigian** escolheu para uma série de seus trabalhos recentes, por sua poética visual que nos remete a cenas em inúmeras praias brasileiras onde temos a oportunidade de conferir esse lindo evento da natureza. A água doce adentra levemente o mar, formando pequenas ondas e se perdendo na imensidão da água salgada. Quando há pedras nesse percurso, o que geralmente acontece, a beleza é ainda maior. Elas podem vir rolando e se desgastando ao longo do caminho até chegarem na praia, ou se tornarem grandes obstáculos, mudando a rota do rio. A metáfora com a vida é inevitável.

A produção da artista acontece dentro de seu pequeno ateliê, em um iluminado quarto de sua casa, onde tudo é organizado, não obstante sua intensa e diária produção. As tintas, cujas cores são preparadas após muita pesquisa, divididas em potes, são aplicadas em diversas camadas sobre telas, linhos, papéis, cadernos. Sempre com muita organização e controle. Diversos tons de vermelho, rosas, azuis, cinzas, aguardam serem aplicados nas telas, cadernos, esculturas, objetos e instalações. Grandes folhas e casas de árvores colhidas em suas caminhadas pela cidade de São Paulo, onde mora, organizadas no canto na espera de se transformarem em uma instalação, mas, ao mesmo tempo, servindo como estudo de forma para seus trabalhos. Afinal, a semelhança do corpo humano com as formas da natureza é um fato: fazemos parte dela. Este fato é notável na produção apresentada nesta exposição onde a paisagem pode ser o corpo da artista e vice-versa. Assim como a água doce do rio se mistura no mar, a artista se mescla na natureza.

Os trabalhos estão expostos em quatro salas: as séries *Corpo-Paisagem*, *Das Cores ao Ocaso* e a pintura *Porto Suburbano* ocupam a sala à esquerda da entrada da Casa e foram escolhidas por suas muitas tonalidades de azul, obtidos por meio da cuidadosa mistura de diversas cores, nas quais imagens que sugerem corpos femininos, podem, também, ser vistas como paisagens. Nesta mesma sala encontra-se a pintura *Chuva* (2016), a mais antiga na exposição.

A área central da Casa abriga os trabalhos em tons avermelhados, em diversas técnicas, instalados em torno da escada que liga o térreo ao andar superior, aludindo ao interior do nosso corpo.

Na sala à direita da entrada, trabalhos em preto, branco e cinza apresentam formas inspiradas em pedras, elementos da natureza utilizados como marcos de territórios, amuletos e na construção de casas desde os primórdios da humanidade. Delas, vem o título que a exposição toma emprestado: *Onde o rio encontra o mar*, vislumbrado pela artista após uma recente viagem à Florianópolis. Importante destacarmos que os poéticos títulos das obras fazem parte do trabalho e não devem passar despercebidos.

A última sala, localizada no andar superior da Casa, abriga as séries de pinturas sobre linho realizadas recentemente: *Que solo habitamos?*; *Nem tudo é o que parece ser* e *Aprumo*. A pintura da série *Éntera* (2019), cujas formas ameboides estão presentes em diversos outros trabalhos da artista, fecham ou reiniciam este ciclo de passagem pela vida e obra de Arlette. No centro da sala, a instalação *Do céu, berço armênico da encosta do Monte Ararat*, onde uma videira plantada dentro de um pote utilizado por sua avó no passado para fazer compotas, está apoiado em um monte de terra retirada da fazenda da família, remontando ao passado e suas tradições.

O trabalho mais recente está localizado no lado externo da casa e é visto ao entrarmos ou sairmos dela, revelando, de forma muito pessoal e emocionante a artista que se mostra em toda sua essência, mas não se abrindo totalmente, como uma borboleta que sai lentamente do casulo.

A exposição é uma pequena seleção feita a partir de uma ampla e profícua produção de Arlette Kalaigian sobre a manufatura dos pigmentos e dos materiais empregados em seus trabalhos ao longo dos últimos anos, que teve seu corpo como protagonista e sua história como mulher brasileira descendente de armênios como pano de fundo. Todas essas questões são abordadas em seu trabalho poeticamente, quer pelos títulos, quer pelas formas e cores que ocupam o espaço da Casa Contemporânea, território da artista durante o período da exposição.

Rejane Cintrão . Novembro de 2022